

## O LÉXICO NA LINGUAGEM POPULAR: A GÍRIA

Dino Preti

RESUMO: A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das *situações de interação* da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade. Sendo um instrumento de agressividade no léxico, como se verá, a gíria está mais ligada à linguagem dos grupos socialmente menos favorecidos ou de oposição a um contexto social.

PALAVRAS-CHAVE: gíria, linguagem de grupos, interação, expressividade.

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das *situações de interação* da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade.

Sendo um instrumento de agressividade no léxico, como se verá, a gíria está mais ligada à linguagem dos grupos socialmente menos favorecidos ou de oposição a um contexto social.

Como acentuamos, a gíria pertence a um grupo e, por isso, seu estudo pressupõe, inicialmente, algumas considerações a respeito das relações entre língua e grupo social.

Das muitas e discutíveis definições de *grupo* propostas pelos sociólogos a propósito desse fenômeno social, Horton & Hunt, na obra *Sociologia*, se referem ao conjunto de pessoas que possuem a consciência da interação conjunta, não importa o tamanho do grupo. Essa consciência pode-se manifestar, entre outras marcas, pela língua.

A língua é apenas uma entre outras formas de comportamento, um entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos.

Quando esses comportamentos, essas marcas contribuem para a formação de uma consciência de grupo; quando os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de se auto-afirmarem na sociedade, dizemos que essas marcas constituem *signos de grupo*. Ex.: a moda característica de grupos; a apresentação pessoal (cabelos etc.); o vocabulário gírio com que se comunicam.

No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de *gíria de grupo* ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Inusitados são, por exemplo, os grupos jovens ligados à música, às diversões, aos esportes, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade; conflituosos, violentos são os grupos comprometidos com as drogas e o tráfico, com a prostituição, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões etc. (Cf.Preti, 2004, p. 66)

Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular, tornando-se o que costumamos chamar de *gíria comum*, ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular.

A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos.

Hoje, com a grande divulgação da informação, com a presença social atuante da mídia, a gíria se vulgariza muito rapidamente, assim como rapidamente se extingue e é substituída por novas formas. Essa efemeridade é uma das características mais presentes no vocabulário gírio e, de certa maneira, identifica-o com a grande mobilidade de costumes da

época contemporânea. E, talvez por essa constante dinâmica é que a gíria tornou-se tão utilizada em nossos tempos.

Nos ambientes em que a escola atua mais decisivamente, a gíria tem reduzida a sua presença, pois os falantes procuram expressar-se mais dentro do vocabulário culto. Mas, ainda assim, seria temerário afirmar-se que a gíria está ausente do vocabulário dos falantes cultos, embora naturalmente esses estejam mais atentos à adequação entre sua fala e a situação de interação, o que faz com que se substitua o vocábulo gírio por um vocábulo culto ou menos estigmatizado.<sup>0</sup>

### **Percurso semântico do vocábulo gírio**

Na sua grande maioria, a gíria é uma alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua. E, muito comumente, o vocábulo original é tomado em sentido contrário. Quer dizer: a gíria, em geral, é uma etapa na história do vocábulo.

Há um processo muito dinâmico na renovação da gíria que, quase sempre, é muito efêmera. Quando um vocábulo da gíria de grupo se torna conhecido e, por isso, há necessidade de substituí-lo por outro, podem ocorrer três possibilidades: 1) ele volta ao vocabulário comum; 2) ele desaparece, tornando-se um arcaísmo gírio; 3) ele se liga a outros vocabulários de grupo, com modificação de sentido.

Tomemos como exemplo a história do vocábulo *bárbaro* cujo sentido, no vocabulário comum, é de “cruel”, “desumano”, “grosseiro”. Nos anos 60, passou a ter um sentido contrário: “ótimo”, “muito bonito”, na gíria da música do grupo da Jovem Guarda. Posteriormente, muito usado como gíria, vulgarizou-se, perdeu sua condição de signo de grupo e passou à condição de gíria comum. Nessa condição, perdido o seu sentido criptológico, secreto, seu uso acabou declinando e, hoje, tornou-se um arcaísmo gírio.

Outro vocábulo, *lagartixa*, saiu do vocabulário comum para a gíria de grupo dos punguistas, com o sentido de “fila de ônibus”. Depois emigrou para a gíria de presidiários com o sentido de “sentinela da guarita”.

Então, a história desses vocábulos demonstra que sua etapa como gíria é transitória. De uma fase criptológica, secreta, , vulgariza-se pelo uso abusivo, retorna à linguagem comum ou torna-se um arcaísmo gírio.

### **Gíria e agressividade**

O percurso semântico do vocábulo gírio mostra que ele se torna um recurso importante, principalmente para expressar sentimentos como crítica, ironia, ridículo, desprezo, humor (não raro, humor negro, como *presunto*, para cadáver, na linguagem marginal, o que rompe com o respeito que a morte tem para a sociedade em geral). A gíria serve, também, para marcar denúncia, oposição aos valores tradicionais. Todas essas características podem ser consideradas, em geral, como recursos de agressividade na conversação, no sentido de que agridem o uso comum.

A própria maneira como vocábulos conhecidos do léxico comum se apresentam alterados em sua forma gíria demonstra uma atitude de agressão à língua, que é, por excelência, uma instituição tradicional. Assim, militar propiciou a gíria *milico*; malandro, *malaco*; loteria, *loteca*; delegado, *delega*; etc.

Na sua origem, os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. Nesse processo de designação subjetiva, os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive, o julgamento crítico e a representação do mundo. Daí podermos considerar a gíria como um dos instrumentos verbais na luta de classes. Essa perspectiva pode ser observada em metáforas como *grude*, para comida, gíria nascida no vocabulário de detentos e, depois, vulgarizada para comida dos operários, em que semas depreciativos como *repulsa*, *condenação*, *crítica* se associam ao sentido respeitoso de alimento. Enquanto isso, *jumbo*, nome de uma antiga rede de supermercados, nomeia por um processo metonímico, na gíria penitenciária, os saquinhos de comida levados à prisão pelos familiares do preso. Nessa denominação, predominam os semas de boa *qualidade*, *sabor*, *luxo*. Da mesma forma, *jaula*, para cela, em que o detento se auto-nomeia um animal na sociedade e assume uma posição de julgamento, de crítica

em relação às condições em que vive; ou como *piranha*, para prostituta, em que a profissão é circunscrita à obsessão pelo dinheiro e comparada à voracidade da piranha.

Muitos dos vocábulos gírios tornam-se conhecidos fora dos limites do grupo em que são gerados e acabam por incorporar-se à linguagem popular, particularmente ao vocabulário das classes mais populares ou dos grupos jovens, sempre dispostos a marcarem sua oposição à linguagem culta, dos adultos, em geral, ligada às classes mais altas.

Mas as classes economicamente mais altas, também, podem constituir fonte criadora de gíria. Assim, no mundo das danceterias noturnas, com freqüentadores mais abonados economicamente, surgem gírias como *almôndega*, para designar o grupo de dançarinos que, literalmente, se “amassam” na pistas de dança e que lembram a carne moída, amassada dos conhecidos bolinhos. É a chamada gíria do “mundinho”, criptológica, fechada, compreensível apenas pelos freqüentadores do mundo noturno.

Apesar de sua ligação com os mais variados grupos sociais, podemos afirmar, ainda uma vez, que a gíria nasce comumente nos grupos da população menos favorecida e, posteriormente, se espalha pela comunidade, em geral, pelo contato desses falantes com outros grupos, muitas vezes, por meio da mídia.

Nesse sentido a televisão, o rádio, o jornal, mas também o cinema sempre que tomam por alvo de sua produção determinados grupos sociais, costumam escarafunchar seus costumes e sua linguagem. Assim, vimos recentemente como a gíria dos marginais do tráfico dos morros cariocas, assim como dos policiais, retratada num filme brasileiro de grande sucesso, o *Tropa de elite*, de repente começou a surgir na conversação, nas grandes cidades brasileira, onde a película foi exibida.

Aliás, já na década de trinta do século passado, a propósito desse trânsito da linguagem dos morros para a linguagem urbana, um compositor brasileiro famoso, Noel Rosa, assim se expressava no samba “O cinema falado”:

“ A gíria que o nosso morro criou  
bem cedo a cidade aprendeu e usou.”

É preciso, porém, insistir que não existe uma gíria geral que se possa denominar de gíria da periferia ou da cidade. O que há são grupos sociais que criam determinadas gírias que, a princípio, restritas, posteriormente se espalham pelo convívio social com outros grupos e se generalizam .

Assim, antes de se falar em gíria do Rio de Janeiro ou de São Paulo, ou de qualquer outra região do país, seria necessário sempre especificar o grupo social a que uma gíria se refere. Por exemplo: gíria dos freqüentadores das praias do Rio ou gíria do verão nas praias do Rio, ou gíria dos apregoadores da Bolsa de Valores de São Paulo, etc. Portanto, devemos sempre ligar a gíria a um grupo, quando desejarmos pesquisá-la.

## **Gíria e Literatura**

Embora seja costume associar a gíria à linguagem vulgar, talvez pelo seu uso abusivo, repetitivo, às vezes em situações de interação em que não é desejada, na verdade, constitui um importante recurso expressivo e reflete a capacidade inventiva do povo.

A literatura, principalmente, a contemporânea, vale-se da gíria como signo identificador da linguagem das personagens populares ou narradores de primeira pessoa (os narradores-personagens), em geral, pessoas da classe pobre e, por isso, menos escolarizadas.

Assim, um escritor como João Antônio, contista paulistano cuja obra foi escrita na segunda década do século XX usou largamente desse recurso lexical para descrever a história de seu narrador-personagem do conto “Paulinho perna torta”, de sua obra “Leão de chácara”, em que conta sua história desde sua adolescência como menino de rua, depois engraxate nas beiradas da Estação Júlio Prestes, em São Paulo, até a idade adulta em que torna uma personagem conhecida como gigolô na zona paulistana do meretrício.

Trata-se de um texto onde se observa a cuidadosa elaboração do escritor, com o aproveitamento de muitos recursos típicos da oralidade, entre os quais a repetição, os marcadores conversacionais, a simplificação das estruturas sintáticas e o uso do vocabulário gírio. Graças a hábil processo estilístico foi possível transmitir ao leitor uma linguagem, em

que as marcas da oralidade o envolvem e lhe permitem reconhecer o que se habituou a ouvir ou que, pelo menos, já ouviu alguma vez e incorporou a seus “esquemas de conhecimento”, para usarmos uma denominação de Tannen e Wallat (1993), frutos de sua experiência como falante. Então, processa-se no leitor um fenômeno literário que chamaríamos de “ilusão da realidade”.

Observemos como João Antônio usa esse recurso lexical, lembrando que o seu narrador-personagem é um menino de rua, miserável, vivendo à míngua de sua profissão, explorado, preocupado exclusivamente com sua sobrevivência no dia-a-dia da rua ou da pensão bordel onde dorme. Como tantos outros, seu amanhã é incerto. Por isso, sua vida poderia ser resumida numa palavra da gíria da rua: viração, que constitui o tema central de todos os fatos mencionados nessa fase de sua narrativa. A palavra e seus derivados (virar-se, virador etc.) é intencionalmente repetida ao longo do texto.

Além disso, nessa busca desesperada pelo dinheiro, o herói (ou anti-herói) e seu grupo de miseráveis se assemelham a bichos, como dramaticamente se auto-descreve:

“A gente caía para a rua. Catar que catar um jeito de se arrumar. Vender pentes, vender jornal, lavar carro, ajudar camelô, passar retrato de santo, gilete calçadeira... Qualquer bagulho é esperança de grana, quando o sofredor tem fome. Vontade, jeito? A fome ensina. A gente nas ruas parecia cachorro enfiando a fuça atrás de comida.”

Por isso cresce no texto a idéia da busca desesperada pelo dinheiro, nomeado com os vários sinônimos que a gíria marginal criou, em outro momento do texto:

“Comecei por baixo, baixo, como todo sofredor começa. Servindo para um, mais malandro, ganhar. Como todo infeliz começa.

.....  
Bem. Engraxando lá nas beiradas da Estação Júlio Prestes. Era um na fileira lateral dos caras. Entre velhos fracassados em outras virações e moleques como eu e até melhores, gente que tinha pai e mãe e que chegava lá da Barra Funda, da Luz, do Bom Retiro... Porque isso de

engraxar é uma viração muito direitinha. Não é frescura não. A gente vai lá, ao trambique da graxa e do pano, porque anda a faminta apertando. E é mais sério do que aquilo que os otários com suas vidas mansas, do que os bacanas e os mocorongos com suas prosas moles julgam. Aquela molecada farroupa com que eu me virava tirava dali uma casquinha para acudir lá suas casas; e, engraxando, os velhos, sujos e desdentados, escapavam de dormir amarrotados nas ruas, caquerados e de lombo no chão. Como bichos.

“A Júlio Prestes dava movimento e éramos explorados por um só. O jornaleiro. Dono da banca dos jornais e das caixas de engraxar, do lugar e do dinheiro, ele só agarrava a grana. Engraxar, não; ele lá com seus jornais

Eu bem podia me virar na Estação da Luz. Também rendia lá. Fazia ali muito freguês do subúrbio e até de outras cidades. Franco da Rocha, Perus, Jundiaí... Descidos dos trens. Marmiteiros ou trabalhadores do comércio, das lojas, gente do escritório da estrada de ferro, todo esse povo de gravata que ganha mal. Mas que me largava o carvão, o mocó, a gordura, o maldito, o tutu, o pororó, o mango, o vento, a granuncha. A seda, a gaita, a grana, a gaitolina, o capim, o concreto, o abre-caminho, o cobre, a nota a manteiga, o agrião, o pinhão. O positivo, o algum, o dinheiro. Aquele um de que precisava para me agüentar nas pernas sujas, almoçando banana, pastéis, sanduíche. E com que pagava para dormir a um canto com os vagabundos lá nos escuros da Pensão do Triunfo. Onde muita vez eu curti dor-de-dente sozinho, quieto no meu canto, abafando o som da boca, para não perturbar os outros.” (*Leão de chácara*, p.61-62)

A repetição intencional dos sinônimos, divididos em três segmentos o que é um índice inequívoco da elaboração do texto literário, cria, também, como em outras partes do conto, um ritmo de linguagem que lembra a poesia, tanto para nos referirmos a um conhecido estudo crítico de Deborah Tannen (1986) sobre a aproximação entre e



conversação natural e o discurso literário. Assim, João Antônio compõe uma gradação, e três segmentos, separados por ponto final, utilizando sinônimos gírios, quase todos originários da linguagem marginal, e preparando um emocionante desfecho com a palavra “dinheiro”:

Mas que me largava o carvão	a seda	o positivo
o mocó	a gaita	o algum
a gordura	a grana	o dinheiro
o maldito	a gaitolina	
o tutu	o capim	
o pororó	o concreto	
o mango	o abre-caminho	
o vento	o cobre	
a granuncha	a nota	
	a manteiga	
	o agrião	
	o pinhão	

A utilização desse recurso, entre outros, pode-nos demonstrar que, dependendo do tema e do contexto social em que vivem as personagens na prosa de ficção, a linguagem popular e a gíria podem constituir o registro mais expressivo para descrevê-los.

Com isso cremos ter demonstrado o potencial da gíria que, mesmo utilizada abusivamente, às vezes, na linguagem do dia-a-dia, revela-se um importante recurso de expressividade da linguagem oral e até mesmo da literária.

Ainda a propósito da expressividade da gíria, um antigo cronista carioca, Gondin da Fonseca, contava com humor o seguinte fato:

Não se conhecia na História um exemplo de maior síntese na linguagem do que a célebre mensagem de César, general romano, enviada para Roma por um mensageiro, contando a rapidez de sua conquista da Gália: Veni, vidi, vici (cheguei, vi, venci). Um exemplo clássico da suprema concisão do estilo.

Mas lembrava o cronista, quando na década de 40 do século passado, a cantora Cármen Miranda levou nosso samba para os Estados Unidos, o Brasil inteiro aguardava notícias da repercussão de nossa música na terra do Tio Sam. Como o general romano, ela quis comunicar aos brasileiros o sucesso imediato, retumbante de sua estréia e enviou um

telegrama que continha uma só palavra, mas que resumia as três proferidas por César. E era uma gíria da época: abafei!

### **Referência Bibliográfica**

PRETI, Dino (2004). *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna.

TANNEN, Deborah (1986) *Ordinary Conversation and literary Discourse: Coherence and the Poetics of Repetition*. Whashington: Georgetown University.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia (1993). *Interactive Frames and Knowledge Schemas in Interation: Examples from a Medical Examination/Interview*. In: TANNEN, Deborah (ed.) *Framing in discourse*.New York: Oxford: Oxford University Press.

### **Texto de apoio**

FERREIRA FILHO, João Antônio (1975). *Leão de chácara*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.